



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO ACADÊMICO PAULO FREIRE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**BIANCA DAS NEVES BATISTA**

**AFETIVIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAMPINA GRANDE  
2024**

BIANCA DAS NEVES BATISTA

**AFETIVIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Nelsânia Batista da Silva

**CAMPINA GRANDE  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B333a Batista, Bianca Das Neves.  
Afetividade no contexto da educação infantil [manuscrito] /  
Bianca Das Neves Batista. - 2024.  
54 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Nelsânia Batista da Silva,  
Departamento de Educação - CH. "

1. Afetividade. 2. Base Nacional Comum Curricular -  
BNCC. 3. Educação infantil. I. Título

21. ed. CDD 372

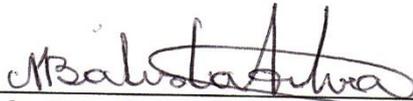
BIANCA DAS NEVES BATISTA

AFETIVIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 26 de março de 2024.

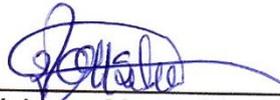
**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Nelsânia Batista da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus pais, os primeiros a me mostrarem que muito se ensina e muito se aprende através do afeto.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por me permitir, por meio da fé, ultrapassar todas as dificuldades, fazendo com que eu tivesse determinação e conforto para não desanimar durante o processo de construção desta pesquisa.

Aos meus pais Maria e Severino, por todo apoio e ajuda, por estarem sempre ao meu lado, obstinados para a realização desse sonho. Agradeço ainda por fazerem deles o meu sonho.

À orientadora, Nelsânia, pela oportunidade de suporte e paciência ao longo de todo o processo de construção do trabalho. Aos professores Eduardo Onofre e Val Margarida, docentes que aceitaram o convite para participar da banca, contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento deste estudo. Na pessoa desses professores, agradeço aos docentes desta instituição que contribuíram para minha formação.

Às professoras participantes da pesquisa pela colaboração e disposição para a obtenção dos resultados. É a solicitude de profissionais como elas que possibilita o desenvolvimento de muitas pesquisas científicas na área da Pedagogia, viabilizando o avanço e, sem dúvida, o alcance de melhorias na Educação.

Aos meus amigos que suportaram meus dilemas e minhas incertezas no decorrer da realização deste estudo, ajudando-me a lidar com minhas angústias e anseios, a cada um de vocês meu muito obrigada. Agradeço a Ruthe e a Lorena, de modo especial, ao meu amigo João Vitor, que não mediu esforços para contribuir, sendo meu crítico mais construtivo. Sua capacidade de transformar cada choro de frustração em oportunidade de crescimento e ressignificação pessoal foi inestimável. Sem todos vocês, eu não conseguiria chegar ao êxito neste estudo.

“Não se pode falar em educação sem amor” (Paulo Freire).

## RESUMO

O presente trabalho aborda a importância da afetividade no espaço da Educação Infantil, a qual funciona como um elemento necessário às práticas pedagógicas. Neste estudo, considerando a necessidade de investigá-la, valemo-nos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da compreensão de professoras da Educação Infantil. Por isso, questionamos: como a BNCC trata a dimensão afetiva em suas orientações destinadas à Educação Infantil? De que maneira professoras da Educação Infantil interpretam a importância dessa dimensão afetiva? Para responder às questões, determinamos um objetivo geral, que é: investigar percepções sobre a dimensão afetiva por parte da BNCC e de professoras da Educação Infantil. A partir dele, desdobram-se três objetivos específicos, que são: (1) analisar as considerações acerca da dimensão afetiva apresentadas na BNCC na etapa da Educação Infantil; (2) Identificar as concepções sobre a dimensão afetiva por parte de professoras atuantes no contexto da Educação Infantil; (3) apresentar (des)continuidades entre percepções a respeito da dimensão afetiva. Este estudo justifica-se pela temática abordada, pois debater sobre a afetividade é referir-se a um traço da essência da vida humana. A composição deste trabalho envolveu uma pesquisa ancorada na análise documental, desdobrada através de uma abordagem qualitativa, utilizando entrevista por questionário com professoras de Educação Infantil da rede pública. Para o enfoque da importância da afetividade, bem como suas implicações na etapa da Educação Infantil, examinamos a seção referente aos Direitos da Aprendizagem e Desenvolvimento da BNCC e as respostas dadas por professoras.

**Palavras-chave:** afetividade; BNCC; professores; Educação Infantil.

## **ABSTRACT**

This work approaches the importance of affectivity in Early Childhood Education, which functions as a necessary element in pedagogical practices. In this study, considering the need to investigate it, we used the National Common Core Curriculum (BNCC) and the understanding of Early Childhood Education teachers. We therefore asked: how does the BNCC deal with the affective dimension in its guidelines for Early Childhood Education? How do Early Childhood Education teachers interpret the importance of this affective dimension? To answer these questions, we set ourselves a general objective: to investigate perceptions of the affective dimension regarding the BNCC and Early Childhood Education teachers. From this, three specific objectives unfold: (1) to analyze the considerations about the affective dimension presented in the BNCC in the Early Childhood Education stage; (2) to identify the conceptions about the affective dimension by teachers working in the Early Childhood Education context; (3) to present continuities and/or discontinuities between the perceptions of the affective dimension of the BNCC and these teachers. This study is justified by the subject matter, since debating affectivity is referring to a feature of the essence of human life. The composition of this paper involved research anchored in documentary analysis, unfolded through a qualitative approach, using questionnaire interviews with public school Early Childhood Education teachers. In order to focus on the importance of affectivity, as well as its implications at the Early Childhood Education stage, we examined the section on Learning and Development Rights in the BNCC and the answers given by the teachers.

**Keywords:** affectivity; BNCC; teachers; Early Childhood Education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>14</b>
2.1 Importância da afetividade	14
2.2 A Educação Infantil	16
2.3 Afetividade no contexto da docência	17
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>21</b>
3.1 Da caracterização da pesquisa aos procedimentos de geração de dados	21
3.2 Participantes da pesquisa	24
3.3 Categorização dos dados	25
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>27</b>
4.1 Dimensão afetiva nas orientações da BNCC relativas à Educação Infantil	27
4.2 Dimensão afetiva na percepção de professoras da Educação Infantil	33
4.3 Dimensão afetiva: (des)continuidades entre as proposições da BNCC e as percepções de professoras	42
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO</b>	<b>50</b>
<b>ANEXO A – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A existência histórica e social é o que impulsiona o crescimento e o desenvolvimento da criança em sua infância e no decorrer de sua vida. Atualmente, a criança é considerada como um sujeito de direitos, em pleno processo de formação. Em geral, o sujeito é frequentemente afetado por cenários que despertam sentimentos e reações emocionais, mas isso não ocorre em uma circunstância estipulada e, sim, durante todos os momentos da vida.

Não diferente, quando criança, mediante imaturidade emocional, vemos sobressair essas emoções. Quando dialogamos sobre educação podemos nos direcionar a vários contextos, e atualmente, é importante citar também o campo das emoções na área da educação. E, justamente, para garantir o desenvolvimento em diferentes dimensões, conforme assegura a legislação em vigor, não se pode desconsiderar a dimensão afetiva. Inicialmente, a construção da compreensão dessa dimensão tem base na família e se manifesta nos ambientes em que a criança vai se inserindo, dentre esses ambientes estão as instituições de ensino, como aquelas que tomam como foco a Educação Infantil. Podemos expressar, então, que o ser humano é um ser de interações e relações.

A Educação Infantil pode ser vista também como parte de uma política social reservada a promover o bem-estar das crianças e de efetivar o dever do Estado. As concepções referentes a essa etapa da Educação Básica se modificam através da época, da sociedade e da cultura, como também, são marcadas por um contexto de conflitos que pré-estabelecem lutas por perspectivas e valores a respeito do ensino, que encaminham (re)organizações da legislação, das políticas e dos programas sociais.

Iluminados pela compreensão da criança enquanto sujeito de direitos, documentos norteadores que orientam a Educação Básica no Brasil, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - 9394/96) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei 9.69/1990), dissertam sobre a Educação Infantil como sendo a primeira etapa da Educação Básica, estando dividida em creches, para crianças de até 3 anos, e em pré-escola, para o público na faixa etária de 4 a 5 anos e 11 meses. Nessa esteira, se propõem a ofertar o acompanhamento e o desenvolvimento integral da criança em suas dimensões física, psicológica, intelectual

e social.

No mesmo viés, é possível confrontar a Resolução nº. 5 (17 de dezembro de 2009), que assegura as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a saber:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Dessa forma, entendemos que ver a criança com o olhar direcionado para suas reais necessidades e potencialidades é torná-la um ser de direitos, é reconhecê-la como fruto de uma construção social. Dito de outro modo, ela faz parte do papel ativo e, por meio das interações e mediação, vai se formando um sujeito crítico e reflexivo ante as ações da sua realidade.

Dialogar sobre a afetividade como elemento das práticas pedagógicas é dar sentido e significado às vivências e às ações dessas práticas. Atualmente, um novo olhar da educação para a práxis sugere que se não precisa pensar simplesmente no que ensinar, mas também em como ensinar, justificando-se pelo fato de que o afeto é essencial ao processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, o interesse pela escolha da temática sucedeu por meio de minha experiência em situação de estágio remunerado, o qual foi desenvolvido com crianças na Educação Infantil da rede pública de uma creche municipal no interior da Paraíba, Brasil. Esse contato conduziu minha trajetória à afinidade e ao prazer com o tema proposto, possibilitando-me ter um olhar sensível ao processo de desenvolvimento e, não diferente, à reflexão a respeito do quanto o afeto se torna importante e indispensável para a construção das informações cognitiva-afetivas e desenvolvimento das crianças.

A compreensão da relevância da afetividade e o entendimento concernente ao seu vínculo no desenvolvimento infantil requerem um olhar para a Psicologia do Desenvolvimento. Nessa esteira, de acordo com Wallon (1995), as relações que se estabelecem entre o sujeito, o objeto de conhecimento e o agente mediador são profundamente marcadas pela dimensão afetiva, uma vez que produzem impactos subjetivos no indivíduo.

Para tratar a respeito, somando-se a Wallon (2008), Vygotsky (2001), Freire (1996) podem encaminhar-nos a uma melhor compreensão da equação da afetividade e Educação Infantil. Isso se torna possível já que, por meio deles, pôde-se chegar a um denominador, que corresponde à afetividade enquanto fator primordial para o desenvolvimento integral do indivíduo. É inegável que, no desenvolvimento de práticas pedagógicas na Educação Infantil, podem ser confrontadas diferentes situações nas quais tornam-se perceptíveis relações afetivas, seja entre as crianças e o professor, seja entre as próprias crianças.

Para o enfoque da importância da afetividade, bem como suas implicações na etapa da Educação Infantil, consideramos indispensável examinar o documento mais recente homologado, a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC, BRASIL, 2017). Esse documento funciona como orientações que estabelecem as aprendizagens mínimas a serem consideradas por todas as instituições de ensino na elaboração de seus currículos. Analisar o documento da BNCC com foco na dimensão afetiva na etapa da Educação Infantil é uma abordagem valiosa, uma vez que a BNCC não apenas orienta os currículos, mas também enfatiza uma visão de educação integral do sujeito. “A BNCC é constituída pelos conhecimentos fundamentais aos quais todo/toda estudante brasileiro/a deve ter acesso para que seus Direitos à Aprendizagem e ao Desenvolvimento sejam assegurados” (BRASIL, 2015, p. 16).

O processo de elaboração e aprovação da BNCC em 2017 foi marcado por intensas discussões, debates e críticas. Isso refletiu o acúmulo de estudos, experiências e avanços no campo da Educação Infantil e da formação de professores ao longo das últimas décadas. Muitas vozes contribuíram para moldar o documento final, incluindo educadores, pesquisadores, especialistas e representantes da sociedade civil. Essa diversidade de perspectivas ajudou a enriquecer o debate e a aprimorar o conteúdo da BNCC, tornando-a mais relevante e adequada para as necessidades da educação no Brasil.

Na verdade, a BNCC enfatiza tanto o direito à aprendizagem quanto o direito ao ensino público, gratuito e de qualidade. Ela busca garantir que todos os discentes tenham acesso a uma educação que promova não apenas o acesso à escola, mas também a qualidade do ensino e a efetiva aprendizagem, independentemente de sua origem socioeconômica, cultural ou geográfica.

Por isso, neste trabalho, focalizamos a dimensão afetiva nas proposições da BNCC referentes à Educação Infantil e na percepção de professoras<sup>1</sup>. Considerando os avanços relativos aos estudos que enfatizam a importância da afetividade no desenvolvimento humano, espera-se que documentos que parametrizam práticas pedagógicas não sejam alheios a essa constatação científica. Além disso, acreditamos que a dimensão afetiva é complexa e multifacetada, sendo permeada por elementos emocionais, podendo ser percebida, direta ou indiretamente, pelas pessoas envolvidas.

A BNCC pode ser percebida como confusa por alguns professores e escolas, levando a interpretações equivocadas ou aplicação inadequada de suas diretrizes. Essa falta de clareza pode surgir devido à complexidade do documento ou à necessidade de orientações mais específicas para sua implementação. É importante fornecer apoio e capacitação adequados aos educadores para garantir uma compreensão correta e uma aplicação eficaz da BNCC no contexto escolar.

Docentes, como seres humanos, têm suas próprias experiências, sentimentos e personalidades. Entendemos que tanto as suas concepções pessoais sobre afetividade, quanto às concepções subjacentes a documentos como a BNCC podem influenciar a maneira como professores realizam seu ofício em seus ambientes de trabalho. Embora os fenômenos afetivos sejam subjetivos, isso não significa que sejam independentes da influência do meio sociocultural. Pode-se afirmar que estão diretamente relacionados com a qualidade das interações e relações entre indivíduos, pois são experiências vivenciadas.

Dessa maneira, levantamos as seguintes questões de pesquisa: como a BNCC trata a dimensão afetiva em suas orientações destinadas à Educação Infantil? De que maneira professoras da Educação Infantil interpretam a importância dessa dimensão afetiva? Para responder às questões, determinamos um objetivo geral, que é: investigar percepções sobre a dimensão afetiva por parte da BNCC e de professoras da Educação Infantil. A partir dele, desdobram-se três objetivos específicos, que são: (1) Analisar as considerações acerca da dimensão afetiva apresentadas na BNCC na etapa da Educação infantil; (2) Identificar as concepções sobre a dimensão afetiva por

---

<sup>1</sup> Optamos pela forma “professoras”, em vez de “professores”, pois, como veremos, colaboraram neste estudo duas docentes de gênero feminino.

parte de professoras atuantes no contexto da Educação Infantil; (3) apresentar (des)continuidades entre percepções a respeito da dimensão afetiva.

A justificativa deste estudo reside na relevância da temática abordada, pois, em nossa visão, debater sobre a afetividade é referir-se a um traço da essência da vida humana. Além disso, ao focalizá-lo, estamos voltados a um aspecto de natureza social que está presente em todos os momentos da vida, como a infância. Nessa perspectiva, Wallon (2008) considera como afetividade a possibilidade de qualquer pessoa em se sensibilizar tanto positivamente quanto negativamente em relação às sensações que lhe afetam. Dessa maneira, a investigação documental e da prática pedagógica, acessível através do discurso (expressão oral ou escrita) das professoras, traz à tona uma discussão imprescindível em se tratando de Pedagogia e Educação.

Em contextos de ensino, considerar a afetividade pode trazer diversos ganhos ao desenvolvimento integral da criança, favorecendo a aprendizagem e fazendo com que o sujeito seja estimulado a aprender por meios dos sentimentos, das emoções e das vivências nas interações com o outro. Assim, por meio deste estudo, chamamos a atenção para que a escola seja compreendida como um ambiente de relações mais agradáveis.

Ademais, apontamos que as experiências analisadas neste estudo, possivelmente contribuirão para a formação profissional de professores que busquem conhecer a respeito da temática aqui tratada. Poderão, assim, observar a afetividade como parte do processo de aprendizagem da criança e do seu desenvolvimento nas relações interpessoais.

Este trabalho reúne, portanto, tanto os fundamentos teóricos, quanto os métodos, como os resultados aos quais chegamos com nossa investigação. Apresenta, além desta Introdução e das Considerações finais, três seções. A primeira, a fundamentação teórica, na qual abordamos todo o embasamento teórico. A segunda, procedimentos metodológicos onde se coloca em relevo os métodos empregados na realização deste estudo (Características da pesquisa e procedimentos de geração de dados). E a terceira, análise dos dados, na qual analisamos por meio de um estudo documental e entrevista por questionário.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, pretende-se apresentar a base teórica das discussões de outros autores dos temas abordados no respectivo estudo, bem como, os principais conceitos e elementos utilizados para subsidiar o mesmo. Portanto é importante salientar que trata-se de uma pesquisa relacionada à dimensão afetiva nas proposições da BNCC referentes à Educação Infantil e na percepção de professoras. Com isso, os temas a serem abordados respectivamente, dentro desse estudo são: A importância da afetividade. Logo depois, nosso enfoque passa para a perspectiva da Educação Infantil. Por fim, apresentamos as contribuições da afetividade na relação docente.

### 2.1 Importância da afetividade

No campo da psicologia, Wallon (2008) se dedicou ao estudo da afetividade. Em sua abordagem, ele compreende a afetividade como a capacidade do ser humano de ser influenciado por sensações agradáveis ou desagradáveis, tanto em seu ambiente externo quanto interno. Ele enfatiza a importância das emoções como uma formação intermediária entre o corpo, sua fisiologia, seus reflexos e as condutas psíquicas de adaptação. Além disso, destaca a relação entre a ação e o movimento, e as posturas como as primeiras formas de expressão e comunicação que servem de base para o pensamento, concebido como uma das formas de ação.

Desse modo, para Wallon, (1995, p. 149-150):

As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque origem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas, pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que eles vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermédio, as reações íntimas e fundamentais.

Dessa forma, o afeto é transformado à proporção que somos afetados, e é um dos campos funcionais que consta o ser humano de forma integral, caracterizados em impulsos elétricos que simbolizam os estímulos que o corpo obtém.

Pode-se considerar, ainda, as contribuições de Jean Piaget sobre o tema. A perspectiva desse estudioso aborda o desenvolvimento intelectual considerando dois elementos: o cognitivo e o afetivo. Correspondente ao desenvolvimento cognitivo está

o afetivo, bem como, inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções. De acordo com o autor:

Vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão (PIAGET, 1976, p. 16).

Para que um indivíduo experimente afeto, é necessário que ele estabeleça relações com outras pessoas e tenha interações sociais com o ambiente em que vive. Não é possível haver uma ação afetiva sem que o indivíduo primeiro assimile a cognição. Cada pessoa precisa compreender as situações pelas quais está passando para poder agir de forma efetiva.

Lev Vygotski também enfatizou a interconexão entre o afeto e o cognitivo, argumentando que a motivação desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem e na formação do pensamento, tendo em vista que influenciam a maneira como os sujeitos abordam problemas e desafios. Ele destacou que o aprendizado é mais eficaz quando as tarefas são significativas e quando há motivação intrínseca para resolvê-las. Segundo Vygotski (2001), só é possível entender por completo o pensamento humano, quando a base afetiva é compreendida, é preciso que se tenha mais empatia, se colocar no lugar do outro às vezes poder ser necessário. Ainda segundo (VYGOTSKI, 2001, p. 139).

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento em que as emoções se inserem no comportamento consiste inteiramente na regulação das reações pelo organismo.

Meramente em um ambiente em que haja troca de sentimentos, contato, estímulos, interação social e sensibilidade que pode haver crescimento. Os vínculos afetivos formados durante a infância têm um impacto significativo no desenvolvimento futuro das crianças, às interações emocionais que as crianças têm com os outros e com o ambiente ao seu redor durante os primeiros anos de vida moldam a forma como os indivíduos se relacionam consigo mesmos e com os outros.

## 2.2 A Educação Infantil

Nos últimos anos, a Educação Infantil tem passado por uma transformação significativa em relação ao seu conceito de educar e cuidar das crianças em instituições educacionais no nosso país. Assim, Oliveira destaca que:

Enquanto os filhos das camadas médias e dominantes eram vistos como necessitando um atendimento estimulador de seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, às crianças mais pobres era proposto um cuidado mais voltado para a satisfação de necessidades de guarda, higiene e alimentação. OLIVEIRA (2000, p.17)

Essa nova compreensão busca romper com os modelos assistencialistas, que não levam em consideração a natureza educativa específica das crianças nessa faixa etária, e também com a tendência de escolarização precoce, que erroneamente adota práticas do Ensino Fundamental. Cada criança possui características próprias e específicas de sua faixa etária. Ao ser inserida em um ambiente educativo fora do contexto familiar, é necessário pensar em estratégias e metodologias adequadas a essa fase de desenvolvimento, na qual as crianças se desenvolvem fisicamente, socialmente e cognitivamente, além de adquirirem suas principais habilidades. Os primeiros anos de vida são decisivos para o desenvolvimento da aprendizagem e do conhecimento de cada criança.

A Educação Infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento do indivíduo, abrangendo uma fase de ensino extremamente importante. Os profissionais que atuam nessa área têm um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, é essencial que a prática pedagógica desses profissionais seja objetiva, clara, significativa e coerente com os objetivos educacionais que se pretende alcançar.

Na Educação Infantil, a afetividade é essencial para criar um ambiente acolhedor e seguro, em que a criança se sinta amada, respeitada e valorizada. Quando a criança se sente emocionalmente segura, ela se torna mais receptiva ao aprendizado e mais disposta a explorar o ambiente ao seu redor. Entendendo o vínculo entre afeto e cognição, compreendemos que uma boa relação entre os agentes escolares é indispensável para tornar o ambiente da sala de aula agradável e favorável à aprendizagem.

### 2.3 Afetividade no contexto da docência

A escola desempenha um papel fundamental na educação, pois tem como objetivo principal mediar o conhecimento e proporcionar aos alunos o acesso e a reconstrução do aprendizado. No entanto, esse processo está ligado às relações interpessoais, uma vez que a comunicação do conhecimento ocorre por meio da influência mútua entre as pessoas. Nesse sentido, o afeto desempenha um papel importante nas relações estabelecidas na escola, tanto entre professor e aluno, quanto entre os próprios alunos. O diálogo é um dos elementos essenciais para que essa relação seja significativa e estabeleça uma parceria no processo de ensino-aprendizagem.

Consoante com as ideias de Freire, a relação entre professor e aluno vai além dos aspectos acadêmicos. Essa conexão transcende os limites temporais e espaciais da sala de aula, deixando marcas duradouras. Além do mais, Freire ressalta que:

[...] o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. Um educador deve buscar um aperfeiçoamento constante, ter um carinho especial pela profissão que abraçou e saber utilizar sua autoridade com moderação e imparcialidade. (FREIRE, 1996, p.73.)

Ensinar e aprender são processos interligados, resultado da troca de informações e experiências entre aluno e professor. Nessa interação, ambos são transformados, e os resultados são únicos e distintos, dependendo do comprometimento, responsabilidade e influências mútuas de quem ensina e aprende. No relacionamento entre educador e educando, o vínculo afetivo desempenha um papel facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Ao estabelecer um vínculo afetivo sólido, a criança não se sentirá sozinha, o que contribuirá para facilitar seu aprendizado.

De acordo com Freire (1996), um gesto simples por parte do professor pode ter um impacto profundo na vida do aluno. Um olhar de entusiasmo, um movimento positivo com a cabeça ou até mesmo um gesto de desapontamento podem transmitir mensagens poderosas, muitas vezes mais significativas do que palavras faladas pelo professor. É essencial que o professor seja consciente do poder de seu olhar e desenvolva a habilidade de compreender o olhar de cada criança. Essa comunicação

não verbal é essencial para estabelecer uma relação de confiança e compreensão mútua.

É fundamental refletir sobre o papel do professor na vida do aluno e como essa influência pode ser positiva ou negativa. O professor deve enxergar cada aluno como um indivíduo único, com necessidades de aprendizado específicas. Além disso, é essencial compreender que o amor, o afeto e o respeito são elementos indispensáveis para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de maneira efetiva.

A entrada da criança na escola envolve o desenvolvimento de competências emocionais, como a inteligência emocional, que inclui confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, capacidade de relacionamento, comunicação e cooperação. Sem a ajuda e o exemplo do professor, essa jornada pode se tornar difícil, pois a criança se espelha no adulto mais próximo que, na escola, é o professor.

De acordo com Antunes (2008), o docente auxilia o aluno no desenvolvimento e descoberta de suas qualidades e potencialidades, surpreendendo-se com suas revelações, responsabilidade, disciplina e felicidade. A disciplina contribui para o aumento da autoestima do aluno, e quanto maior for sua autoestima, mais disciplinado ele se tornará, alimentando assim um ciclo positivo de disciplina e autoestima.

A responsabilidade da escola começa quando a da família termina, e vice-versa. Logo, a função da escola e da família é contínua, pois ambas devem se preocupar em estabelecer relações específicas no momento adequado. Segundo Oliveira (2002):

O educador deve conhecer não só teorias sobre como cada criança reage e modifica sua forma de sentir, pensar, falar e construir coisas, mas também o potencial de aprendizagem presente em cada atividade realizada na instituição de educação infantil. Deve também refletir sobre o valor dessa experiência enquanto recurso necessário para o domínio de competências consideradas básicas para todas as crianças terem sucesso em sua inserção em uma sociedade concreta (OLIVEIRA, 2002, p.124).

Os primeiros ensinamentos na aprendizagem das crianças são responsabilidade dos pais, seguidos pelos demais membros da família, sociedade e escola. No entanto, educar não se resume apenas a desenvolver o potencial de aprendizado, mas também envolve explorar todo o potencial que a criança traz consigo, incluindo aspectos socioculturais, afetivos, habilidades psicomotoras e cognitivas. É por meio do convívio social na creche e na pré-escola que as crianças começam a se conhecer e a conhecer o outro, a aprender a se respeitar e a respeitar o outro, e a desenvolver sua capacidade de construir conhecimento.

Nessa perspectiva, não há uma essência humana, mas uma construção do homem em sua permanente atividade de adaptação a um ambiente. Ao mesmo tempo em que a criança modifica seu meio, é modificada por ele. Em outras palavras, ao constituir seu meio, atribuindo-lhe a cada momento determinado significado, a criança é por ele constituída; adota formas culturais de ação que transformam sua maneira de expressar-se, pensar, agir e sentir. (OLIVEIRA, 2002, p. 126).

A creche e a pré-escola exercem uma função educativa, exigindo um planejamento curricular específico. É necessário que a escola crie um ambiente de socialização que seja distinto do ambiente familiar. Por meio da exploração, vivência e aquisição de conhecimento, as crianças constroem sua visão de mundo e de si mesmas, tornando-se sujeitos ativos nesse processo educativo.

Vale ressaltar que, consoante a perspectiva de Ramos (1991), a personalidade é o conjunto de características psicológicas que diferenciam um indivíduo dos demais, determinando sua individualidade pessoal e social. A formação da personalidade é um processo gradual, complexo e único para cada pessoa, podendo ser influenciado de forma positiva ou negativa pela presença ou ausência de fatores favoráveis ao seu desenvolvimento, logo:

Cada personalidade ou indivíduo ou tipo constitucional é ímpar, ou seja, apresenta caracteres somáticos e psicológicos que poderão ser semelhantes, porém, nunca iguais ao de outra personalidade no decorrer de toda duração das vidas físicas e psíquicas. Cada personalidade, cada indivíduo é um só e nunca uma personalidade ou indivíduo é exatamente igual a uma outra personalidade, mesmo que a engenharia genética possa reproduzir. Isso quer dizer que a personalidade é o resultado das experiências e influências que recebemos durante toda nossa vida (RAMOS, 1991, p. 3).

A criança absorve de maneira inconsciente não apenas o que está ao seu redor, mas também o clima emocional que a envolve, o caráter e os sentimentos das pessoas que a cercam, assim como a forma como elas se expressam e reagem diante de diferentes situações. Esses elementos desempenham um papel significativo na formação da personalidade da criança. Isso significa que ela tende a imitar e agir de acordo com o que observa em seu dia a dia e o que percebe ao seu redor.

Isto se torna essencial quando se envolve crianças que estão ampliando suas redes de relações. É na relação entre o afetivo e o cognitivo que se formam os vínculos que podem ser facilitadores do processo de aprendizagem. Leite (2006, p. 18) destaca que:

A qualidade da relação que se estabelece entre sujeito-objeto é também de natureza afetiva e depende da qualidade das histórias de mediações vivenciadas pelo sujeito em relação ao objeto, no seu ambiente cultural, durante sua história de vida.

Os grupos e as relações que estão sendo construídas são aspectos importantes a serem observados pelos docentes. Uma vez que sendo a instituição escolar um ambiente de convivência grupal, onde está sendo formada a identidade do sujeito é de responsabilidade do professor que ele esteja atento às posturas que o discente está tomando dentro do seu grupo. Nessa perspectiva, Wallon aborda sobre o desenvolvimento infantil, visto que estabelecido no estágio caracterizado por ele como personalismo (3 a 6 anos), no qual o domínio afetivo prevalece mais, particularmente, em uma das suas fases, a de imitação, onde a maioria das crianças toma o adulto como referência. Este adulto é alguém por quem a criança tem grande admiração e que, normalmente, é a feição dos pais, professores ou os familiares mais íntimos.

Sendo a sala de aula um ambiente carregado de emoções, principalmente, quando os alunos que a compõem são crianças cheias de desejos e necessidades, que muitas vezes veem a escola como um meio de supri-las. Cabe ao professor buscar conhecer seus alunos e suas necessidades para tornar as aulas e a presença destes na escola significativa.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nesta seção, colocamos em evidência a caracterização da pesquisa e os procedimentos de geração dos dados. Na sequência, apresentamos as principais informações relativas às participantes deste estudo. Por último, expomos o processo de categorização dos dados.

#### **3.1 Da caracterização da pesquisa aos procedimentos de geração de dados**

A pesquisa científica, seja da Pedagogia seja de outras áreas do saber, exerce uma influência significativa no progressivo desenvolvimento do conhecimento das pessoas, contribuindo não apenas para a formação pesquisador, mas também para o aprimoramento do campo. Sua finalidade reside em apresentar e explicar os elementos estudados. Dessa maneira, por meio de um processo metódico e investigativo, em geral, a pesquisa ocupa um espaço na construção do conhecimento, oferecendo análises e explicações para questões que surgem no espaço das relações sociais.

Nesse âmbito, as abordagens metodológicas empregadas neste trabalho estabelecem um diálogo contínuo com as questões centrais referentes ao nosso objeto de estudo, que é a dimensão afetiva no desenvolvimento humano no contexto da Educação Infantil. Esse enfoque dialético é evidente ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Sendo assim, a composição deste trabalho envolveu uma pesquisa ancorada na análise documental, desdobrada através de uma abordagem qualitativa, à medida em que tem em vista valores e relações humanas no cenário da Educação Infantil. Nesse sentido, alinhamo-nos à Minayo 1997:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo, das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Esse tipo de pesquisa permite explorar profundamente as experiências, percepções e significados atribuídos pelos participantes ao fenômeno em questão. O pesquisador busca compreender e interpretar os significados atribuídos pelos participantes aos fenômenos estudados. Isso requer uma abordagem reflexiva e interpretativa, na qual o investigador está ativamente envolvido na coleta e análise

dos dados, contribuindo para o avanço do conhecimento e para a melhoria das práticas educacionais.

Com relação aos objetivos, esse artigo contempla uma pesquisa exploratória, que segundo Gil (2008), tem como propósito;

proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2008, p. 41).

Nesse sentido, a pesquisa exploratória tem como objetivo investigar um problema para fornecer informações que possam embasar investigações mais detalhadas. Durante o desenvolvimento do estudo, foram incorporadas passagens das obras na construção do trabalho, sendo esse trecho utilizado para exemplificar as ideias e argumentos dos autores, fundamentando teoricamente o texto.

No que concerne à pesquisa documental, de acordo com Gil (2008), compreendemo-la como um processo de investigação de textos escritos, tanto em meios físicos como papel, quanto em meios virtuais. Ainda para o autor, o documento é um conceito amplo, pois cobre uma diversidade de objetos empíricos, mas que têm como característica comum a capacidade de provar fatos ou acontecimentos. Em nosso caso, como já mencionado, partimos da BNCC como documento substancial de nossa pesquisa. Dessa maneira, em nosso corpus, incluímos a seleção de fragmentos textuais da BNCC que serviram como base à investigação empreendida, os quais foram interpretados à luz da literatura acadêmica sobre a dimensão afetiva.

A BNCC é um documento de grande importância para a educação no Brasil, elaborado pelo Ministério da Educação (MEC). Englobando todas as etapas da Educação Básica, abrange desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, em instituições de ensino públicas e privadas de todo o território brasileiro. Seu objetivo central é garantir uma educação elementar de alta qualidade, logo;

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2017, p.7).

Nesse sentido, a BNCC é um documento essencial no contexto da educação no Brasil, pois estabelece as diretrizes para os conhecimentos, habilidades e competências que os alunos devem adquirir ao longo de sua jornada escolar. Além

disso, a BNCC visa a padronização e a qualidade do ensino, garantindo que os alunos tenham acesso a uma educação consistente. Pode-se dizer que esse documento se propõe a viabilizar a adaptação às realidades locais, culturais e políticas, dando aos municípios a flexibilidade de ajustar o currículo de acordo com suas necessidades específicas.

Para complementar a análise documental da BNCC, tendo em vista os objetivos aos quais nos propomos, valemo-nos também de entrevista por questionário como procedimento de geração de dados, cujas perguntas estão discriminadas abaixo (as perguntas e as respostas também podem ser consultadas em Anexo):

1. *O que você entende por afetividade?*
2. *Levando em consideração as impressões afetivas na Educação Infantil: algum professor dessa etapa educacional deixou marcas na sua vida?*
3. *Como você compreende a relação de afetividade entre o docente e criança no contexto da sala de aula?*
4. *Você consegue perceber alguma marca de afetividade das crianças em relação a você? Quais são essas marcas?*
5. *Levando em consideração o trabalho desenvolvido na Educação Infantil, que tipos de comportamentos seus podem despertar e/ou promover a expressão de emoções por parte da criança?*
6. *Que tipos de atividade escolar, na sua opinião, possibilitam que as crianças expressem afetividade?*
7. *“No senso comum, se diz: “a criança não precisa estimar/gostar do docente, a relação deve ser apenas centrada no ensinar e no aprender”. Você concorda? Por quê?*
8. *A instituição, na qual você atua, trabalha e estimula a relação afetividade e aprendizagem*
9. *Considerando a temática da afetividade, como deveria ser o trabalho da escola?*

Por meio desse questionário, foi possível identificar percepções de professoras a partir de seus dizeres. Nessa perspectiva, segundo Gil (2008, p. 119), essa entrevista nos possibilitou perceber “o que as pessoas sabem, pensam, creem,

aspiram e temem, bem como, comparar as percepções com a das outras pessoas”, em nosso caso, com as concepções de afetividade subjacentes na BNCC.

### **3.2 Participantes da pesquisa**

Como vimos, para alcançarmos os nossos objetivos, fez-se necessário a colaboração de professoras em atuação no contexto da Educação Infantil. As docentes colaboradoras trabalham em creches no interior do Estado da Paraíba, no Nordeste do Brasil. De modo mais específico, atuam em cidades situadas na região do Agreste Paraibano, que corresponde também à mesorregião onde reside a pesquisadora e onde está alocado o campus de sua instituição acadêmica de vinculação. A seleção das participantes valeu-se de critérios, um deles foi a proximidade do ponto de vista territorial entre a pesquisadora e as participantes. Houve, ainda, um segundo critério que correspondeu ao uso de redes sociais como mecanismo de divulgação e apresentação de suas vivências trabalhadas em sala.

As professoras foram contatadas e convidadas para participar do estudo, as quais aceitaram contribuir respondendo à entrevista. Por questões éticas, ocultamos os endereços virtuais de suas redes no intuito de proteger a identidade das professoras. Ao longo deste trabalho, as docentes foram referenciadas como Profa. 1 e Profa. 2. A escolha por ambas se deu pela necessidade de conhecer, de modo mais profundo, o trabalho de professoras que se empenham em divulgar aspectos de suas práticas pedagógicas em redes sociais. Além disso, selecionamos docentes que atuam em lugares diferentes, mas dentro da mesma mesorregião do estado.

Em nosso estudo, optamos por utilizar entrevistas por questionário como instrumento de geração de dados, com questões abertas e dissertativas, buscando assim, compreender o significado dos dados coletados. Construimos o Quadro 01, a seguir, que abarca um resumo das características das participantes, incluindo a idade, experiência profissional, quantidade de alunos por sala e informações sobre a formação inicial, tempo de atuação e pós-graduação.

Quadro 01 – Aspectos gerais das professoras participantes da pesquisa

<b>ASPECTOS GERAIS</b>	<b>PROFA. 1</b>	<b>PROFA. 2</b>
Idade	49 anos	26 Anos
Formação acadêmica	Licenciada em Pedagogia pela UEPB	Licenciada em Pedagogia pela UFPB
Pós-graduação	Possui	Possui
Estabilidade profissional	Efetiva 18 anos de atuação	Efetiva 2 anos de atuação
Escola/Instituição de atuação	Pública	Pública
Turma ora em atuação	Pré I	Maternal I
Número de crianças atendidas	28 crianças	22 crianças
Meio de divulgação das práticas	Instagram	Instagram

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Cabe, aqui, enfatizar que, no tocante às implicações éticas, foi necessária a assinatura de *Termo de consentimento livre, após esclarecimento* para as duas professoras colaboradoras. Os termos foram assinados em duas vias, estando uma cópia com as participantes, outra com a pesquisadora. Em apêndice, trazemos o documento.

### 3.3 Categorização dos dados

Nesta investigação, o nosso objetivo geral foi investigar percepções sobre a dimensão afetiva por parte da BNCC e de professoras da Educação Infantil. Para organização dos dados, foram necessárias a articulação de três categorias de análise, que estão diretamente relacionadas aos nossos objetivos específicos. Nesse sentido, vejamos o quadro a seguir:

Quadro 02 – Relação objetivos específicos e categorias de análise

<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>
(1) Analisar as considerações acerca da dimensão afetiva apresentadas na BNCC na modalidade da Educação infantil	(1) Dimensão afetiva nas orientações da BNCC relativas à Educação Infantil
(2) Identificar as concepções sobre a dimensão afetiva por parte de professoras atuantes no contexto da Educação Infantil	(2) Dimensão afetiva na percepção de professoras da Educação Infantil
(3) Apresentar (des)continuidades entre percepções a respeito da dimensão afetiva	(3) Dimensão afetiva: (des)continuidades entre as proposições da BNCC e as percepções de professoras.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro sintetiza o processo de desdobramento da categoria de análise a partir dos objetivos específicos que foram delineados neste estudo. No próximo segmento textual, separamos e analisamos nossos dados valendo-nos dessas categorias.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados desta pesquisa foi conduzida com base nas categorias de análise correlacionadas aos objetivos específicos, os quais nos possibilitaram alcançar o objetivo geral. Dessa maneira, este segmento textual está articulado em três seções, a primeira voltada à dimensão afetiva nas orientações da BNCC relativas à Educação Infantil, a segunda concernente à mesma dimensão na interpretação de professoras e, por fim, a terceira referente às (des)continuidades entre as proposições desse documento curricular e as percepções docentes.

### 4.1 Dimensão afetiva nas orientações da BNCC relativas à Educação Infantil

Nesta categoria, o nosso objetivo é o de analisar as considerações acerca da dimensão afetiva apresentadas na BNCC na modalidade da Educação infantil, abarcando o princípio legal do documento, os objetivos da Educação infantil e os aspectos que conduzem ao vínculo com a temática da afetividade. Com isso, destaca a relevância de considerar as diretrizes da BNCC ao investigar e discutir temas relacionados à educação e à interação entre educadores e professores.

Quando conduzimos nossa pesquisa dentro do documento mencionado, identificamos algumas palavras cujo significado estava relacionado ao vocábulo *Afetos e Afetivos*.

Primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada (BRASIL, 2017, 36).

A formação dos indivíduos em uma comunidade é profundamente influenciada tanto pela escola quanto pela família. Além de promover o conhecimento intelectual, essas instituições colaboram na construção da personalidade. Vejamos o fragmento da BNCC, no qual se apresenta menção a afeto:

Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2017, p.37).

Esse excerto aponta para uma perspectiva que, segundo Wallon (1995), aponta que a emoção é social, pois é ela quem nos dá as primeiras e mais intensas

conexões entre os seres humanos. As relações afetivas não podem ser desconsideradas, já que se encontram presentes na natureza humana. Delineia-se, desse modo uma aproximação com Silva (2001), que enfatiza a importância do professor para que os alunos se sintam mais seguros, criando, assim, um ambiente de aprendizado tranquilo. A afetividade se faz presente no contexto do dia a dia na sala de aula, o afeto se manifesta de diversas formas, seja por meio da postura do professor, da dinâmica de seu trabalho, seja nas interações entre os sujeitos envolvidos.

Em relação aos objetivos da Educação Infantil, a BNCC considera que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os *Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento*, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se.

A organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências (BRASIL, 2017, p.43), nos quais a criança aprende e se desenvolve, que são: (1) O eu, o outro e o nós; (2) Corpo, gestos e movimento; (3) Traços, sons, cores e formas; (4) Escuta, fala, pensamento e imaginação e (5) Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Nesse sentido, os campos de experiência oferecem uma maneira de organizar as oportunidades de exploração da criança em uma variedade de situações ao longo de seu processo de desenvolvimento. Em alguns dos campos de experiência, a abordagem da esfera afetiva não está presente, o que sugere uma dificuldade em explorá-la em alguns desses campos. Isso pode ser atribuído a um excesso de fragmentação, especialmente nessa etapa da Educação Infantil.

Entretanto, o primeiro campo (O eu, o outro e o nós) é um dos campos de experiência que deveria incorporar de forma significativa a temática da afetividade em sua estruturação. Ele se concentra especialmente nas relações estabelecidas entre os indivíduos: o processo de construção da identidade, o reconhecimento do outro, a compreensão das diferenças e a importância do contato para o desenvolvimento e aprendizagem. Em resumo, é o campo mais voltado para o reconhecimento da criança como ser único e social. No entanto, é importante não os encarar como uma fragmentados no processo de desenvolvimento e aprendizagem, mas sim como uma forma de compreender a integração e interconexão entre essas experiências.

Vale ressaltar que esses campos se relacionam com os conhecimentos que devem ser oportunizados às crianças e estando aliados a suas experiências. Em cada um desses campos o documento estabelece objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que se organizam por meio de três grupos separados por faixa etária: Bebês (0 a 1 ano e 6 meses), Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). Logo,

tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendem em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidam a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significado sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2017, p.35).

É importante respaldar-se, ainda, nos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento da Educação Infantil elencados na BNCC para orientar a prática educativa e o desenvolvimento integral da criança. É notável que a BNCC tem enfatizado as interações e a brincadeira como eixos norteadores das práticas pedagógicas na Educação Infantil no currículo brasileiro. Isso implica que o planejamento dos professores e professoras para essa etapa deve se basear em experiências que promovam interações entre as crianças, com os espaços e os materiais disponíveis.

Além disso, a BNCC destaca a relevância da ludicidade, da imaginação e da fantasia como elementos essenciais para o aprendizado e o desenvolvimento das crianças. Essa abordagem reafirma a relevância de um ambiente de aprendizagem rico em experiências sociais e lúdicas, que atendam às necessidades e ao desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil. Sendo assim, o documento orienta que tais eixos assegurem “os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se” (BRASIL, 2017, p. 40). Vale destacar que a BNCC não constitui o currículo em si, mas, em vez disso, é um documento que fornece as diretrizes e a base para a elaboração do currículo.

Com o objetivo de garantir uma formação integral, a BNCC estabeleceu esses direitos de aprendizagem que devem ser abordados ao longo do período da creche e pré-escola. Esses direitos visam garantir que as crianças aprendam em um ambiente que as envolva ativamente, enfrentando desafios que promovam seu desenvolvimento. Abaixo,

Construímos o Quadro 03 com os seis direitos e sua conexão com a afetividade evidenciada posteriormente pelas falas das docentes entrevistadas.

Quadro 03 – Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil

Direitos de aprendizagem	Identificação dos direitos de aprendizagem
<b>1. Conviver</b>	Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.(BRASIL, 2017, p.36)
<b>2. Brincar</b>	Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.(BRASIL, 2017, p.36)
<b>3. Participar</b>	Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando. (BRASIL, 2017, p.36)
<b>4. Explorar</b>	Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BRASIL, 2017, p.36)
<b>5. Expressar</b>	Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens. (BRASIL, 2017, p.36)
<b>6. Conhecer-se</b>	Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BRASIL, 2017, p.36)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os Direitos de Aprendizagem demonstram a proposta de educação integral prometida à Educação Infantil. Os conhecimentos, experiências e aprendizados,

apresentam como possibilidade de a criança aprender nos seus múltiplos contextos, ainda que haja uma separação entre eles é possível visualizar os vastos aprendizados, nas variadas esferas de desenvolvimento.

É evidente que todos os direitos de aprendizagem fazem alusão à importância de considerar as diferentes linguagens da criança, assim como os diversos domínios funcionais, incluindo o afetivo. Em cada um desses direitos, destaca-se a necessidade de uma prática pedagógica que valorize a integralidade. A abordagem walloniana promove uma visão do desenvolvimento humano, reconhecendo a interação constante entre aspectos biológicos e sociais na construção da identidade e do conhecimento. Nesse sentido, entendemos que;

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é a única e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais suscetível de desenvolvimento e de novidade (WALLON, 1995 p. 198).

Além do mais, Wallon (2008) destaca que:

o ser humano é organicamente social. Isso porque está na força da emotividade humana e em seu caráter contagioso e epidêmico as condições para que seja mediada pela cultura, interpretada pelo adulto e, a partir de então, do desenvolvimento cognitivo da criança (WALLON, 2008, p. 37).

Reconhecemos a necessidade de promover um ambiente favorável ao desenvolvimento integral das crianças, abrangendo não apenas a educação formal, mas também as interações sociais, emocionais e culturais. O acesso à cultura enriquece a compreensão do mundo por parte das crianças, permitindo-lhes ver e interpretar as coisas de maneira diferente, como ressalta nos objetivos de aprendizagem abarcados pela BNCC. Além disso, as culturas moldam as experiências das crianças e influenciam seu desenvolvimento social e emocional. A interação entre cultura e desenvolvimento infantil é complexa e abrange tanto a maneira como as crianças aprendem valores e comportamentos quanto o impacto nas dimensões sociais e emocionais.

Santos (2021, p. 10) destaca que:

Escutar o que a criança tem a nos dizer, sobre o que esperam aprender na escola, dá significado para esses sujeitos que relacionam o cotidiano com seus desejos e das suas famílias. É importante que a criança seja protagonista também na elaboração do currículo construído no coletivo com as crianças, e não somente, consumidora de um currículo feito para elas.

As interações em sala de aula são construídas por diversos elementos nas formas de atuação, que se estabelecem entre partes envolvidas, como a mediação do professor em sala de aula, seu trabalho pedagógico, sua relação com os alunos. Com isso, Silva (2001) enfatiza a importância do professor para que os alunos se sintam mais seguros, criando, assim, um ambiente de aprendizado tranquilo, pois a afetividade se faz presente no contexto do dia a dia na sala de aula, o afeto se manifesta de diversas formas, seja por meio da postura do professor, da dinâmica de seu trabalho, seja nas interações entre os sujeitos envolvidos.

Ao destacar a afetividade no contexto da Educação Infantil, a BNCC fornece um referencial importante para que as escolas e professores compreendam a importância de promover o desenvolvimento emocional e social das crianças desde os primeiros anos de vida. Isso contribui para a formação de sujeitos completos, preparados para enfrentar desafios e participar de maneira ativa e equitativa na sociedade. A atenção à afetividade não apenas enriquece o ambiente de aprendizado, mas também é crucial para o bem-estar e a igualdade de oportunidades futuras das crianças. Diante disso, Rossini (2001) ressalta que;

a afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal – é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade. Portanto, faço um apelo: vamos investir na afetividade como uma saída para um futuro melhor, mais justo, mais humano. (ROSSINI, 2001, p.10).

Encontramos ainda referência à afetividade através da Resolução CNE/CP N°2 de 22 de Dezembro de 2017 (BNCC), tratando-a como: conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas (BRASIL, 2017, p.5).

A criança, como sujeito histórico e de direitos, é uma entidade ativa e participativa na sua jornada de desenvolvimento. Ela interage com o mundo, exercita a imaginação, brinca, fantasia, aprende, deseja, observa, experimenta, narra, questiona e contribui para a construção de significados sobre a natureza e a sociedade. Nesse processo, as crianças não são apenas receptoras passivas de conhecimento; elas também desempenham um papel na criação e na produção de cultura. Isso destaca a importância de considerar a voz e a participação ativa das crianças em seu próprio desenvolvimento e na construção de conhecimento.

A afetividade ocupa um espaço significativo nas relações sociais, especialmente nas interações escolares. Envolve desde estados psicológicos relacionados a afetos, sentimentos, paixões, atenção e emoções. De acordo com Wallon (1975), as crianças na pré-escola atribuem emoções e demonstram sentimentos nas atividades que realizam e nas relações que desenvolvem. Portanto, a promoção de ambientes afetivamente positivos na escola é essencial para o sucesso educacional e emocional das crianças.

Nesse sentido, Piaget (1996) ressalta que:

Nenhum conhecimento, mesmo que puramente através da percepção, não é simples cópia do real ou se encontra totalmente determinado pela mente do indivíduo. É o produto de uma interação entre o sujeito e o objeto, é a interação provocada pelas atitudes espontâneas do organismo e pelos estímulos externos. E esse conhecimento é, portanto, aprendizagem, fruto de uma relação que nunca tem um sentido só, é o resultado dessa interação. E a afetividade é a energia que move as ações humanas, sem ela não há interesse e não há motivação para a aprendizagem.

A melhoria da educação não envolve apenas a mudança de palavras ou diretrizes, mas sim uma transformação de atitudes e compromissos. Todos os envolvidos, incluindo professores, alunos, escolas e a sociedade em geral, devem estar comprometidos com a promoção de uma educação de qualidade. Reconhecer o aluno como um indivíduo ativo no processo de ensino-aprendizagem é essencial. Isso implica em adaptar as abordagens de ensino para atender às necessidades e estilos de aprendizagem individuais, bem como criar ambientes escolares inclusivos e acolhedores que estimulem o crescimento pessoal e cognitivo. Os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento estabelecidos pela BNCC reforçam os fundamentos da Educação Infantil, centrados nas interações e nas brincadeiras. Esses seis direitos destacam o papel crucial que desempenham na fase de desenvolvimento da criança.

#### **4.2 Dimensão afetiva na percepção de professoras da Educação Infantil**

Ao combinar análises e interpretações dos dados por meio de entrevista, que foi realizada através de questionário, estamos buscando, neste trabalho, os significados subjacentes aos dizeres das professoras participantes. A análise qualitativa do conteúdo das respostas abertas e dissertativas permite uma exploração mais profunda das percepções, experiências e significados atribuídos, visando reconhecer

a relação entre afetividade e prática educativa, bem como entender suas posturas em relação a essa temática.

Como veremos, a partir dos dados apanhados por meio da entrevista, passou-se a investigar como vem sendo desenvolvido o trabalho de professoras de creches, por isso, exploramos suas percepções sobre o entendimento do conceito, as marcas afetivas, a importância da afetividade na prática docente e sua influência no desenvolvimento cognitivo.

Ao longo tanto desta seção de análise, reportamo-nos às respostas das professoras entrevistadas empregando as siglas Profa. 1 e Profa. 2, visando proteger a identidade das participantes. Essas respostas foram separadas em conjunto de excertos, aos quais chamamos de Fragmentos, que foram marcados em itálico, de modo a visualmente destacá-los em relação ao corpo do texto. Vejamos o Fragmento 1, na sequência:

Fragmento 1:

*Profa. 1: “Afetividade é um sentimento de afeição que sentimos pelo outro, onde percebemos através de emoções”.*

*Profa. 2: “A afetividade é um conjunto de emoções e sentimentos e a forma que estes são acolhidos no convívio social, em sala de aula o processo de afetividade e acolhida das crianças fazem total diferença para integrar as crianças no novo contexto”.*

No Fragmento 1, visualizamos respostas das professoras frente ao mesmo questionamento, construído em torno da noção de afetividade. Em ambos os casos, constatamos que as definições mencionadas são pertinentes e diretas no que diz respeito à compreensão da afetividade. Suas definições pessoais estão alinhadas aos princípios de Wallon em relação às emoções.

De acordo com Wallon (1992), a afetividade precede a inteligência e está intimamente ligada às emoções, atuando como função essencial na formação do indivíduo. Assim, a emoção é uma resposta imediata a um estímulo emocional eficaz, podendo ser algo que nos causa uma sensação agradável ou desagradável. Esses estímulos podem vir de diferentes meios, como situações, acontecimentos, pessoas ou até mesmo pensamentos. Ao reconhecer e compreender nossas emoções, somos capazes de nos relacionar melhor com os outros, encontrar motivação e enfrentar as

adversidades com resiliência e confiança.

Frente às respostas iniciais, foi possível levantar a hipótese de que as experiências construídas pelas participantes na fase escolar podem ter, em certo grau, algum tipo de relação à percepção conceitual que ora demonstram. Nessa direção, a segunda pergunta levou em consideração as impressões afetivas trazidas por elas do período da Educação Infantil, por isso, foi questionado se algum professor dessa etapa educacional deixou algum tipo de marca em suas vidas. A respeito, apresentamos o Fragmento 2, no qual consta excerto do dizer da Profa. 1.

Fragmento 2:

*Profa. 1: “Sim, apenas por ser um bom professor no respeito e ao tratar bem os alunos, porque na minha época não era levado em conta o emocional da criança”.*

Posto o pensamento da Profa. 1 no Fragmento 2, percebemos que os aspectos emocionais constituem uma dimensão que não foi tão evidenciada anteriormente no contexto educacional. Tempos atrás, apenas a dimensão cognitiva era considerada para compreender o processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que a criança era considerada uma "tábula rasa" e devia apenas receber conhecimento de forma passiva e sem aquisição de habilidades que vão nortear comportamentos, temperamentos, expressões e controle de sentimento.

Ademais, durante a infância, as experiências afetivas, mesmo que de maneira subjetiva, são internalizadas no subconsciente humano, mesmo que antigamente não fossem levados em consideração os ensinamentos pertinentes à compreensão e ao controle das emoções. Na sociedade atual, como vimos através da BNCC, percebemos que a abordagem da afetividade passou a ser considerada como um aspecto importante nas práticas pedagógicas.

Diante do mesmo questionamento, a Profa. 2 revela outra faceta, trazendo, diferentemente da Profa. 1, a figura de um docente que deixou marcas afetivas. Voltemo-nos agora ao Fragmento 3:

Fragmento 3:

*“Sim. Mas uma professora do meu irmão, a qual inspirou e inspira a minha vida profissional”.*

Logo, fatos e acontecimentos que se desdobraram na vida de uma pessoa podem trazer recordações e experiências por toda sua história, como foi ressaltado pelas entrevistadas. As respostas dadas pelas professoras parecem confirmar a hipótese levantada anteriormente. Enquanto a Profa. 1 diz tentar, por meio de sua prática, não manter abertas lacunas no tratamento dessa dimensão, a Profa. 2 traz a experiência de outra pessoa como fator motivacional, não apenas para prezar pela afetividade no contexto escolar, mas também como referência para seu modo de atuação enquanto profissional. Nos dois casos, a ausência e a presença do tratamento para afetividade incidem na forma pela qual a encaram.

Considerando que as impressões das docentes no contexto da sala de aula podem marcar a identidade do aluno e até mesmo seus familiares, suas opiniões e os seus princípios têm papel ativo na vida deles, muitas vezes tornando-se espelhos. Cabe ressaltar que a afetividade não é somente o abraço, o beijo, e a acolhida, mas é também o despertar para o sonho, para a descoberta, para o autoconhecimento. Iluminada por essa perspectiva, a terceira pergunta da entrevista focalizou a relação de afetividade entre o docente e criança na instituição escolar. O Fragmento 4, exposto a seguir, expõe a percepção da Profa. 1 a respeito.

Fragmento 4:

*Profa. 1: “Acho super necessário o contato físico com a criança, a questão do abraço, do olho no olho, para que a criança tenha confiança e se sinta segura no espaço da escola, onde está inserido”.*

Uma palavra-chave no Fragmento 4 é “olhar”. Através da posição da docente, vê-se confirmar a perspectiva de que o olhar é uma expressão muito poderosa na transmissão de uma variedade de sentimentos e intenções. A respeito, Cunha (2012) afirma que o corpo expressa as nossas emoções:

Os olhos expressam as reações do nosso organismo como a dor, a alegria, a tristeza, o sorriso, a lágrima. Há pessoas que sorriem com os olhos. Dizem com os olhos o que não dizem com as palavras. Os olhos são expressões das nossas emoções. Com eles, acolhemos ou rejeitamos, focamos ou ficamos dispersos. Expressamos com o nosso corpo, em gestos, o que nossos olhos confessam, sem exigência de palavras (p.119).

As crianças são sensíveis às expressões faciais e ao olhar do professor, podendo influenciar significativamente em seu comportamento e bem-estar emocional em sala de aula. Um olhar negativo ou crítico pode causar desconforto e insegurança nos alunos, afetando sua autoestima e seu engajamento no processo de aprendizagem. Quando o docente compreende os medos, as expectativas e os ideais de vida dos alunos, expressos através de seus comportamentos, olhares e gestos, ele pode adotar uma prática pedagógica mais centrada no aspecto afetivo. Isso envolve não apenas o ambiente educacional, mas também o contexto em que o aluno está inserido. Essa abordagem permite uma melhoria significativa no processo de ensino-aprendizagem, ajudando a encurtar a distância entre professor e aluno e promovendo uma relação mais próxima e colaborativa.

Ainda a respeito da mesma questão, o Fragmento 5 expõe a perspectiva da Profa. 2. Vejamos:

Fragmento 5:

*Profa. 2: “À relação de afetividade no contexto da sala de aula é de extrema importância, a afetividade no acolher as crianças faz com que os traga para perto do docente e se encaixem no convívio da nova rotina pois se sentem seguros. A afetividade transmitida aos pais também faz com que os mesmos confiem no docente”.*

Nas respostas das professoras, fica claro que as duas têm compreensão parecidas acerca da importância da relação afetiva no contexto da sala de aula. É essencial considerar a interação entre o educador e o educando na reflexão sobre a educação, pois ambos estão sujeitos a influências psicológicas recíprocas que podem ser alteradas por diversos fatores. Saltini (2008) considera que o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Logo, o autor considera que:

Ao falarmos da inteligência e da aprendizagem precisamos nos referir também, e sempre à emoção, às ligações e inter-relações afetivas. Seria impossível entender o desenvolvimento da inteligência sem um desenvolvimento integrado e convergente cada vez maior de nossos interesses e amores por aquilo que olhamos, tocamos e que nos alimenta a curiosidade (2008, p. 50).

Quanto mais a criança se sentir amada, aceita, acolhida e ouvida, tanto mais ela despertará para a vida, através da curiosidade e do aprendizado. Como sabemos, a afetividade não se limita a demonstrações físicas de carinho, mas sim à preparação abrangente da criança para interagir na sociedade, cultivando habilidades críticas, autonomia, responsabilidade e consciência. Dessa maneira, é preciso que haja práticas pedagógicas mais voltadas à afetividade nesta perspectiva, em relação àquela. Partindo dessa consideração, a questão subsequente da entrevista direcionou-se às expressões de afetividade na realização das práticas pedagógicas. Vejamos o Fragmento 6, que reúne a posição da Profa. 1 e da Profa. 2.

Fragmento 6:

*Profa. 1: “São inúmeras que podemos desenvolver, pois desde a acolhida já trabalhamos a afetividade; o bom dia com sorrisos e abraços, a atenção, motivar a criança durante a aula, e as atividades voltadas às emoções, como músicas, brincadeiras direcionadas, apresentação de vídeo, histórias contadas cartazes e outros recursos”.*

*Profa. 2: “Rodas de interação, dinâmicas do autoconhecimento e afetividade, chamadinhas do abraço, caça fotos do afeto (propor encontrar a foto do colega e entregá-lo com o abraço) e o convívio no dia a dia para aprender a socializar”.*

O Fragmento 6 é revelador de uma visão por parte da Profa. 1 e Profa. 2 em relação às vivências do professor da Educação Infantil. Parece-nos que, em seus dizeres, as participantes demonstram comprometimento com a dimensão afetiva na prática educacional, uma vez que revelam um conjunto de diferentes atividades para impulsioná-la. Além disso, ao diversificá-las, vê-se uma preocupação em atingir as crianças, em sua heterogeneidade. Nesse contexto, leva-se a crer que a função que desempenham é a de mediador entre a criança e o objeto de conhecimento.

Diante disso, as professoras entrevistadas evidenciam que o cotidiano escolar reflete aspectos afetivos, à semelhança do que Wallon (1995) nos mostra na teoria da diferenciação. Nessa direção, o ato de imaginar, fantasiar e criar ideias são aspectos afetivos – ações inerentes às atividades mencionadas pelas professoras – mesmo que menos intensos e visíveis do que as emoções.

Sendo assim, o docente torna-se capaz de interagir com a criança respeitando seus níveis de desenvolvimento, tendo consciência de que cada uma tem sua potencialidade e a desenvolve de forma diferente e em tempos diferentes, fazendo-se necessário para tal ter um olhar sensível. No contexto pedagógico, torna-se elementar que as crianças se desenvolvam, a fim de que atinjam a compreensão de sua importância, do quão são amadas e de como tiveram suas opiniões e ideias respeitadas. Dessa maneira, professores tornam-se influência positiva na formação de seu público.

Segundo Belther (2017), quando os docentes fazem o seu trabalho aliado à afetividade, enquanto se busca levar à tona as emoções dos alunos, estes desenvolvem seus conhecimentos pessoais e do mundo. Observa-se que a relação professor-aluno deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional. Assim o processo de formação se torna mais interessante quando a criança se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula.

Existe, no senso comum, a crença de que “a criança não precisa estimar/gostar do docente, a relação deve ser apenas centrada no ensinar e no aprender”. A respeito dela, desdobrou-se outro questionamento, que solicitou uma tomada de posição das professoras entrevistadas frente a essa assertiva. Nessa direção, trazemos o Fragmento 7, no qual constam os pontos de vista da Profa. 1 e da Profa. 2.

Fragmento 7:

*Profa. 1: “Concordo em parte, é importante que o professor crie o elo de afetividade com o aluno, porém não é necessário que o aluno goste do professor, acho necessário que o aluno compreenda e respeite o mesmo e os outros a seu redor e se sinta à vontade para gostar ou não”.*

*Profa. 2: “Não. A educação é ampla e um espaço que necessita de confiança, para isso é uma via de mão dupla, é necessário que o professor demonstre confiança e afetividade para receber isso das crianças”.*

Diante das respostas das professoras expostas no Fragmento 7, é nítido que a compreensão de segurança e a confiança entre aluno e professor são pilares essenciais para o processo de aprendizagem. Os alunos precisam sentir-se seguros

e confiantes para se arriscarem e se expressarem em sala de aula. Da mesma forma, os professores também necessitam de um ambiente de respeito e aceitação para exercerem sua função de forma eficaz.

Ao longo do ano letivo, essa relação afetiva entre aluno e professor evolui e se transforma, à medida que as necessidades e os interesses dos alunos se desenvolvem. No entanto, é importante notar que as necessidades afetivas não desaparecem completamente, elas se entrelaçam com as necessidades cognitivas, contribuindo para uma experiência de aprendizagem mais completa e significativa.

A relação entre professor e aluno transcende a sala de aula, sendo contínua e empática. Reconhecendo a necessidade de pôr limites, mas também por amor e carinho, o professor tem a responsabilidade de educar para autonomia, adaptação e para promover o bem-estar integral das crianças, conforme recomendado pela BNCC. Isso inclui o desenvolvimento da competência socioemocional. Quando um educador é consciente da importância da afetividade na construção do conhecimento de seus educandos, toda ação torna-se uma ação para transformação. Sendo assim, destacamos o trabalho de Leite (2011, p.97), segundo o qual, durante nossas vidas, temos vários professores, porém só alguns se tornam inesquecíveis, outros passam sem deixar grandes marcas. Certamente todos nós temos a marca de um docente cujo, permeou mudanças em sua vida escolar ou até mesmo particular.

Urgiu levantar, ainda, uma última questão que trouxe a instituição à equação sobre a afetividade e prática educativa. A respeito, vejamos o Fragmento 8, no qual a Profa. 1 afirma que sua instituição estimula o trabalho com afetividade.

Fragmento 8:

*Profa. 1: “Sempre. Na minha humilde opinião não tem como desenvolver um bom trabalho sem trabalhar o emocional da criança”.*

Conforme a entrevistada, torna-se essencial que a criança explore e utilize a energia transmitida pela afetividade para descobrir o novo.

Sendo assim, é notório que a escola é um dos primeiros espaços de socialização, logo após a família, onde os sujeitos têm a oportunidade de se desenvolver. Como seres geneticamente sociais, construímos nossos laços e aprendizados por meio das interações com o ambiente ao nosso redor. É

responsabilidade da escola organizar seu trabalho pedagógico de forma a reconhecer sua função na formação social dos alunos, utilizando seu espaço como um local para o desenvolvimento da criança, portanto, fortalecer e cultivar os vínculos e a dimensão afetiva, especialmente durante a Educação Infantil, é contribuir para a formação integral da criança. Entender que a escola deve incluir em seu currículo uma educação que aborde as diversas dimensões do indivíduo é o primeiro passo para reconhecer a importância do aspecto afetivo.

Em seu turno, a Profa. 2, diante da mesma questão, posiciona-se:

Fragmento 9:

*Profa. 2: “A instituição em si não, mas deixa as professoras a vontade para realizar seus trabalhos em sala de aula, no meu caso gosto de trabalhar diariamente principalmente no momento da adaptação escolar, pois traz consigo conquistar e conhecer melhor as crianças”.*

Com base no Fragmento 9, percebemos que a instituição escolar, apesar de ser um ambiente estruturado e formal, muitas vezes não estimula o processo educativo que considera a dimensão afetiva, como exposto pela Profa. 2. Por outro lado, a resposta pouco fundamentada da Profa. 1, no Fragmento 8, também pode ser indicativo de que haja estímulo, mas pouco sistematizado ou incipiente. Conseqüentemente, a falta de assistência da instituição à questão exige resiliência por parte das docentes.

Dessa maneira, além das incumbências e encargos de seu ofício, o professor precisa dedicar-se, por conta própria, ao aperfeiçoamento profissional para contribuir com a formação de outros sujeitos sem desconsiderar a dimensão afetiva. Nesse sentido, enquanto profissional da educação, o docente é um intelectual em processo contínuo de formação, e que necessita fazer da sua experiência prática-vivenciada cotidianamente, por entre os muros escolares, a reflexão constante da sua prática docente com os conhecimentos pedagógicos.

### 4.3 Dimensão afetiva: (des)continuidades entre as proposições da BNCC e as percepções de professoras

Neste segmento textual, focalizamos a relação entre a dimensão afetiva na perspectiva da BNCC e as percepções das duas professoras participantes. Quanto à BNCC, colocamos em relevo a seção relativa aos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, uma vez que percebemos nela referências mais contundentes à dimensão afetiva. No que concerne à posição das professoras entrevistadas, retomamos os fragmentos já destacados na seção anterior. Dessa maneira, propomo-nos a discutir ambos os objetos, no intento de se observar alinhamentos – ou seja, continuidades – e desalinhamentos – ou seja, descontinuidades – entre eles.

No que se refere à Educação Infantil, a integração dessa etapa ao sistema de ensino foi resultado de grandes lutas, constituindo-se uma grande conquista na educação nacional. A BNCC é um importante passo na valorização e reconhecimento, conferindo à etapa da Educação Infantil um lugar de grande importância na formação cidadã das pessoas. A respeito da Educação Infantil, como já mencionamos no decorrer do trabalho, nota-se que a BNCC estrutura essa etapa com base nos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento.

Os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento são seis, a saber: *Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se*. Os referidos direitos fundamentam os cinco Campos de Experiência nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver. Partindo desse pressuposto, evidenciamos uma incorporação e afinidade por parte das docentes entrevistadas em relação aos direitos de aprendizagem trazidos pela BNCC, revelando, em certo grau, uma continuidade entre ambas as percepções.

Nessa direção, podemos constatar o Fragmento 6, no qual a Profa. 1 afirma que são diversas as estratégias postas nas práticas para que se desenvolva a afetividade. Segundo a professora: “*desde a acolhida já trabalhamos a afetividade; o bom dia com sorrisos e abraços, a atenção, motivar a criança durante a aula, e as atividades voltadas às emoções, como músicas, brincadeiras direcionadas, apresentação de vídeo, histórias contadas cartazes e outros recursos*”. Ou seja, proporciona-se um leque de experiências, o qual é transversal aos seis direitos que vão se acumulando e dando sentido à aprendizagem por meio das práticas

pedagógicas, levando a criança a se desenvolver em várias circunstâncias.

Os seis direitos propõem uma abordagem que incentiva a criança a ser participativa, observadora, capaz de criar hipóteses, indagar e ter suas próprias conclusões, como foi notado nas posturas e depoimentos das professoras entrevistadas. Notamos isso no Fragmento 6, no qual a Profa. 2 ressalta o emprego de “*rodas de interação, dinâmicas do autoconhecimento e afetividade, chamadinhas do abraço, caça fotos do afeto (propor encontrar a foto do colega e entregá-lo com o abraço) e o convívio no dia a dia para aprender a socializar*”, ações dadas a favor da dimensão afetiva. Em seu dizer, a Profa. 2 descreve algumas vivências que proporcionam o desenvolvimento da criança para sua autonomia, trabalhando os aspectos que envolvem a livre manifestação das ideias, os movimentos do corpo, a expressão das emoções, como orienta a BNCC.

No que se refere ao primeiro direito de aprendizagem, *Conviver*, entendemos que a linguagem afetiva na convivência em grupo possibilita a formação de vínculos, promovendo o desenvolvimento de conceitos cruciais, como respeito, empatia, solidariedade e amizade. Na percepção das professoras, coloca-se em relevância um trabalho que estimule essas virtudes, é o que podemos perceber no Fragmento 1, no qual a Profa. 1 afirma que a “afetividade é um sentimento de afeição que sentimos pelo outro, onde percebemos através de emoções”. Desse modo, leva-se em consideração que é da convivência entre seus pares/crianças no contexto escolar que surgem as maiores experiências. Logo, a criança aprende e se desenvolve, se torna mais empática, mais colaborativa, interagindo mais com seus semelhantes.

O segundo direito de aprendizagem, *Brincar*, ressalta a importância das atividades lúdicas em diversas áreas do desenvolvimento da criança, como citou a Profa.1, no Fragmento 6, quando descreveu suas práticas pedagógicas promovidas em sala. Nesse direito de aprendizagem, a BNCC destaca que é por meio da brincadeira que a criança amplia e diversifica suas experiências emocionais, motoras, sociais e afins. Vê-se, portanto, mais uma relação de afinidade, continuidade entre as percepções em estudo.

O terceiro direito de aprendizagem é *Participar*, que visa reconhecer que somos seres sociais, ativos e participativos. Como mencionado pelas professoras nos Fragmentos 6 e 7, ambas reconhecem a importância de motivar as crianças, para impulsionar, mobilizar para uma ação com entusiasmo. A motivação desempenha um

elo significativo ao processo de aprendizagem e desenvolvimento para a criança, e contribui como um ser participativo.

*Explorar* é o quarto direito de aprendizagem apresentado pela BNCC. É por meio da exploração que aprendemos a lidar e a compreender a diversidade de emoções e sentimentos. Diante disso, busca permitir que a criança vivencie essa multiplicidade, reconheça e aprimore suas respostas emocionais diante das diferentes situações em sala de aula e na vida, como é o caso das possibilidades de vivências que as docentes aqui entrevistadas expressaram. Os Fragmentos 4, 6, 7, 9 são ilustrativos desse aspecto, pois destacam a promoção de ambientes interessantes de expressão com diferentes vivências e condições que ajudam a garantir esse direito, por meio de descobertas.

O quinto e penúltimo direito de aprendizagem é *Expressar*. É por meio da expressão que a criança tem a oportunidade de reconhecer suas emoções e sentimentos, o que possibilita o amadurecimento emocional. Como citado, é importante promover ambientes e situações que levem a criança a se expressar com diferentes pessoas, que ambos se escutem e se expressem. Como exemplo, temos a Profa. 2, no Fragmento 6, que em uma das suas vivências em sala propõe encontrar a foto do colega e entregá-lo com o abraço.

O último direito de aprendizagem o *Conhecer-se*. No âmbito afetivo, conhecer suas emoções e sentimentos contribuem na formação da identidade pessoal, na aceitação de pertencimento da sala, nas interações e brincadeiras. É quando tornamos prazeroso o ato de descobrir, compreender e construir o conhecimento e desenvolvimento. Como exposto pelas professoras em suas práticas pedagógicas, ao brincar, a criança favorece o desenvolvimento de habilidades afetivas, a autoconfiança, curiosidade, autonomia, atenção. Vale ressaltar também, a importância de contar histórias, ter acesso a fotos, oferecer oportunidades da criança ter preferência por brincadeiras, de pessoas, músicas infantis. Isso faz com que ela construa sua identidade pessoal e compreenda uma imagem positiva de si.

Portanto, os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento são segmentados com base nas oportunidades de aprendizado que a criança encontra em diversas situações em sala de aula, como também, situações sociais. Essas oportunidades, como relatado pelas professoras entrevistadas, favorecem um processo ativo de

desenvolvimento e aprendizagem nos diferentes ambientes em que a criança participa. No entanto,

é fundamental entender que a BNCC não será suficiente para sozinha, promover o necessário salto de qualidade da educação pública brasileira. De toda forma, a Base faz parte do extenso rol de políticas necessárias para que esse salto seja possível – é necessário, entre outros pontos, financiamento adequado, condições de trabalho, formação continuada, valorização salarial e profissional dos trabalhadores da educação. Apenas dessa forma as escolas serão capazes de cumprir seu papel social, assegurando inclusão e qualidade do ensino a todos os estudantes (CNTE,2015, p.419).

A BNCC não só serve como guia para a elaboração dos currículos específicos de cada escola, mas também deve se articular com outras políticas educacionais, como a formação de professores, a produção de recursos didáticos, avaliação e financiamento. Além disso, como vimos nos dizeres das professoras, as orientações fornecidas pelo documento se diluem nas percepções que as participantes possuem, revelando continuidades entre os pontos de vista de um e de outro.

Portanto, vale ressaltar que na BNCC existem contribuições que almejam a construção de um currículo escolar voltado para a aprendizagem e desenvolvimento integral dos alunos. Em contrapartida, vemos referências mínimas em relação à dimensão afetiva, cabendo as professoras tentar superar deficiências e lacunas em relação a esse assunto. Como notamos no dizer das professoras, as participantes detêm estratégias diversificadas para tal, as quais são mais frutos de seus conhecimentos experienciais do que das orientações curriculares.

Na BNCC, o tratamento para a dimensão afetiva é pouco enfatizado e, quando colocado em discussão, vemo-lo fragmentado, embora sua abordagem seja essencial para uma educação integral do indivíduo. Tendo em vista que a BNCC se erige no meio social como uma estrutura sólida para orientar as escolas na promoção de uma educação abrangente que atenda às necessidades e potencialidades de cada aluno, é imprescindível que haja, em reformulações e adaptações futuras, um tratamento mais consistente da afetividade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar as considerações acerca da dimensão afetiva apresentadas na BNCC, especificamente, na sua abordagem da etapa relativa à Educação Infantil. Além disso, propomo-nos a identificar as concepções sobre a dimensão afetiva por parte de professoras atuantes em creches, no contexto dessa modalidade educacional. Por fim, examinando os dados provenientes da BNCC e os dados gerados por meio da entrevista, pudemos apresentar (des)continuidades entre percepções a respeito da dimensão afetiva.

Nessa perspectiva, na primeira categoria de análise, na qual nos direcionamos para a dimensão afetiva nas orientações da BNCC relativas à Educação Infantil, foi possível observar intencionalidade na construção de um documento norteador de uma proposta pedagógica pautada no desenvolvimento integral da criança, entre elas o trabalho com as emoções. Os aspectos observados nos *Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento* corroboram com a importância de envolver as crianças ativamente em seu ambiente de aprendizado, a fim de abordar não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o emocional, social e físico das crianças. Entretanto, ainda é pouco aprofundada a temática da afetividade na proposta da BNCC, tendo em vista que a afetividade vai muito além das emoções e do estímulo particular. Nesse sentido, o trabalho com a afetividade não deve ser separado ou reservado a momentos específicos tal como vem fragmentado na BNCC, mas misturar-se nas práticas constantes e naturais que permeiam o processo ensino aprendizagem.

Na segunda categoria, na qual abordamos a dimensão afetiva nas percepções de professoras, foi possível constatar que as docentes participantes têm conhecimento e afinidade com o tema proposto. Além disso, as professoras reconhecem a importância da afetividade no processo de aprendizagem como forma de garantir a confiança e segurança necessárias para a criança se desenvolver. É consentido dizer que, para elas, a afetividade pode ser expressa através do diálogo, do respeito às ideias infantis e de seus conhecimentos prévios. Como ressaltado pelas docentes entrevistadas, a afetividade também pode ser traduzida em posturas, comportamentos, atitudes e ações a serem adotados com vistas a levar a criança a sentir-se acolhida, valorizada e respeitada diante dos outros e como meio de facilitar o processo de aprendizagem.

Em suma, ao incorporar a afetividade de acordo com as diretrizes da BNCC e, em especial, consoante aos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, vemos fornecido um referencial para que os professores possam refletir a respeito do emocional e social das crianças desde os primeiros anos de vida. Como constatado pelos dados, no processo de ensino-aprendizagem, não cabe somente ao professor buscar a mediação de conteúdo ou conhecimento, uma vez que tal processo transcende a dimensão cognitiva, fazendo-se necessário considerar também a dimensão afetiva.

Em contrapartida, as referências a essa dimensão afetiva ainda são poucas na BNCC, cabendo às professoras tentar superar deficiências e lacunas em relação a esse assunto. É preciso ter em vista que guiar crianças para o desenvolvimento nas suas dimensões é um processo muito amplo, complexo e importante, no qual fazem parte afeto, proximidade, empatia, acolhimento, olhar sensível e entendimento.

Enquanto a sociedade demanda cada vez mais cidadãos preparados para diversos aspectos da vida, como profissionais e familiares, muitas vezes negligencia-se a importância de capacitar os sujeitos para conhecerem a si mesmos, desenvolverem autoconfiança e consciência sobre seu papel na coletividade. É necessário valorizar o desenvolvimento pessoal e emocional tanto quanto o desenvolvimento profissional e técnico.

Esperamos que, com esta pesquisa e os argumentos e análise apresentados, possamos contribuir para um cenário educacional, no qual a afetividade represente um mecanismo necessário no cotidiano escolar, contribuindo para o desenvolvimento da criança de forma integral. Além disso, almejamos que esse estudo promova reflexões sobre o reconhecimento e importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem, como também favoreça o alcance de novos caminhos para a pesquisas na área da afetividade na educação, principalmente a respeito da relação entre professor e aluno.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Como ensinar com afetividade**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- BETHER, J. M. **Educação Infantil**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2017.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em 12 out. 2023.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Lei 9394/96, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em 15 set. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 25 jan. 2023.
- BRASIL. Resolução CEB nº. 5, De 17 de Dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2009.
- BRASIL. Resolução CEB nº. 5, De 17 de Dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2009.
- CNTE, Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. **Considerações da CNTE sobre o Projeto de Base Nacional Comum Curricular, elaborado preliminarmente pelo MEC**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n. 17, p. 411-420, jul./dez. 2015.
- CUNHA, A. E. **Afeto e aprendizagem**: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo. Editora: Atlas, 2008.
- LEITE, S. A. S. **Afetividade e práticas pedagógicas**. (1ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- OLIVEIRA, S. M. L. **Creches numa perspectiva educacional**. Revista Criança do Professor de Educação Infantil (34). Brasília: MEC/SEF, p. 21-27, dez. 2000.

OLIVEIRA, Z. R. Educação infantil: **Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1976.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro-RJ. Editora: Forense Universitária, 1996.

RAMOS, J. J. **Personalidade**. São Paulo: Sarvier, 1991.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência: a emoção na educação**. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2008. v. 01.

SANTOS, L. S. dos. **O que a escuta das crianças revela sobre os currículos praticados na Educação Infantil?** Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2021. Disponível:  
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6172/5398>.  
Acesso em 11 fev. 2024.

SILVA, M. L. F. S. **Análise das dimensões afetivas nas relações professor-aluno**. Campinas, Unicamp: FE, 2001.

VYGOTSKI, L. **Ciclo da aprendizagem**. Revista Escola, ed.160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2001.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edição 70, 1995.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.

WALLON, H. Psicologia e materialismo dialético. In: WALLON, H. **Objectivos e métodos da Psicologia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS  
ESCLARECIMENTO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO  
TÍTULO DO PROJETO: AFETIVIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Eu, \_\_\_\_\_ li e/ou  
ouvi o esclarecimento sobre o projeto e compreendi para que serve o estudo, e a  
qual(is) procedimento(s) eu serei submetido. A explicação que recebi esclarece os  
riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha  
participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não me  
prejudicará. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não  
receberei dinheiro para participar do estudo. Diante desse entendimento eu concordo  
em participar do estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

Nome:

Telefone:

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora responsável

Nome: Bianca das Neves Batista

Telefone: (83) 998963893

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador orientador

## ANEXO A – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO

### RESPOSTAS FORNECIDAS PELA PROFA. 1

1. O que você entende por afetividade? **Afetividade é um sentimento de afeição que sentimos pelo o outro, onde percebemos através de emoções.**
2. Levando em consideração as impressões afetivas na educação infantil: algum professor dessa etapa educacional deixou marcas na sua vida? **Sim, apenas por ser um bom professor no respeito e o tratar bem os alunos, porque na minha época não era levado em conta o emocional da criança.**
3. Como você compreende a relação de afetividade entre o docente e criança no contexto da sala de aula? **Acho super necessário o contato físico com a criança, a questão do abraço do olho no olho, para que a criança tenha confiança e se sinta segura no espaço da escola ,onde está inserido.**
4. Você consegue perceber alguma marca de afetividade das crianças em relação a você? Quais são essas marcas? **Percebo sim. A troca, recebemos o que damos, o carinho e o abraço e elogios.**
5. Levando em consideração o trabalho desenvolvido na Educação infantil, que tipos de comportamentos seus podem despertar e/ou promover a expressão de emoções por parte da criança? **O elogio, o olhar e sorriso, são de extrema importância para que desenvolvam afetividade nas crianças.**
6. Que tipos de atividade escolar, na sua opinião, possibilitam que as crianças expressem afetividade? **São inúmeras que podemos desenvolver, pois desde a acolhida já trabalhamos a afetividade; o bom dia com sorrisos e abraços, a atenção a criança durante a aula, e as atividades voltadas as emoções, como músicas, brincadeiras direcionadas, apresentação de vídeo, histórias contadas cartazes e outros recursos.**

7. “No senso comum, se diz: “a criança não precisa estimar/gostar do docente, a relação deve ser apenas centrada no ensinar e no aprender”. Você concorda? Por quê? **Concordo em parte, é importante que o professor crie o elo de afetividade com o aluno, porém não é necessário que o aluno goste do professor, acho necessário que o aluno compreenda e respeite o mesmo e os outros a seu redor e se sinta a vontade para gostar ou não.**
  
8. A instituição, na qual você atua, trabalha e estimula a relação afetividade e aprendizagem? **Sempre. Na minha humilde opinião não tem como desenvolver um bom trabalho sem trabalhar o emocional da criança.**
  
9. Considerando a temática da afetividade, como deveria ser o trabalho da escola? **São inúmeras que podemos desenvolver, pois desde a acolhida já trabalhamos a afetividade; o bom dia com sorrisos e abraços, a atenção a criança durante a aula, e as atividades voltadas as emoções, como músicas, brincadeiras direcionadas, apresentação de vídeo, histórias contadas cartazes e outros recursos.**

#### RESPOSTAS FORNECIDAS PELA PROFA. 2

1. O que você entende por afetividade? **A afetividade é um conjunto de emoções e sentimentos e a forma que estes são acolhidos no convívio social, em sala de aula o processo de afetividade e acolhida das crianças fazem total diferença para integrar as crianças no novo contexto.**
  
2. Levando em consideração as impressões afetivas na educação infantil: algum professor dessa etapa educacional deixou marcas na sua vida? **Sim. Mas uma professora do meu irmão, a qual inspirou e inspira a minha vida profissional.**
  
3. Como você compreende a relação de afetividade entre o docente e criança no contexto da sala de aula? **A relação de afetividade no contexto da sala de aula é de extrema importância, a afetividade no acolher as crianças faz**

com que os traga para perto do docente e se encaixem no convívio da nova rotina pois se sentem seguros. A afetividade transmitida aos pais também faz com que os mesmos confiem no docente.

4. Você consegue perceber alguma marca de afetividade das crianças em relação a você? Quais são essas marcas? **Sim. Percebo que o afeto que transmito a eles recebe de volta em formas de carinho e confiança, nas escolhas, preferências e acolhidas.**
5. Levando em consideração o trabalho desenvolvido na Educação infantil, que tipos de comportamentos seus podem despertar e/ou promover a expressão de emoções por parte da criança? **O melhor trabalho é a rotina diária em semear a transmissão das emoções e sentimentos, feito através do espelho que é o professor para as crianças.**
6. Que tipos de atividade escolar, na sua opinião, possibilitam que as crianças expressem afetividade? **Rodas de interação, dinâmicas do autoconhecimento e afetividade, chamadinhas do abraço, caça fotos do afeto (propor encontrar a foto do colega e entregá-lo com o abraço) e o convívio no dia a dia para aprender a socializar.**
7. “No senso comum, se diz: “a criança não precisa estimar/gostar do docente, a relação deve ser apenas centrada no ensinar e no aprender”. Você concorda? Por quê? **Não. A educação é ampla e um espaço que necessitasse de confiança, para isso é uma via de mão dupla, é necessário que o professor demonstre confiança e afetividade para receber isso das crianças.**
8. A instituição, na qual você atua, trabalha e estimula a relação afetividade e aprendizagem? **A instituição em si não, mas deixa as professoras a vontade para realizar seus trabalhos em sala de aula, no meu caso gosto de trabalhar diariamente principalmente no momento da adaptação escolar, pois traz consigo conquistar e conhecer melhor as crianças.**

9. Considerando a temática da afetividade, como deveria ser o trabalho da escola? **Acredito que deveria ser explorada em todas as formas, em diversos espaços e com a colaboração de todos os funcionários da instituição tendo em vista que as crianças convivem todos os dias neste ambiente.**